**O método dialético e a estrutura de *O capital*: notas para um debate**

Vítor Lopes de Souza Alves[[1]](#footnote-1)\*

Alex Wilhans Antonio Palludeto[[2]](#footnote-2)\*\*

**Resumo**

Este artigo tem por objeto a relação entre a dialética, enquanto método científico, e a estrutura da teoria econômica de Marx, que tem sua expressão mais bem acabada no conjunto dos três livros de *O capital*. Assim, propõe-se a realizar uma apresentação dos elementos considerados mais relevantes do método dialético elaborado por Hegel e desenvolvido, a sua maneira, como se observará adiante, por Marx, na construção de sua teoria econômica, com ênfase na maneira como esta encontra-se estruturada em sua *magnum opus*. Especificamente, o propósito principal deste artigo é definir os elementos metodológicos básicos para o entendimento da teoria marxiana do valor, a partir de uma abordagem centrada na forma-valor. Nesse sentido, com base nas contribuições de Rubin (1973; 2018), entende-se que a compreensão da teoria do valor de Marx é indissociável do entendimento do desenvolvimento da forma do valor e que para compreendê-la uma certa apreensão do método de Marx é necessária, apreensão esta que parece mais consistente com o conjunto do que é exposto em *O capital* e, assim, com a própria posição de sua teoria do valor nesta obra. Nesse contexto, entende-se que a teoria econômica marxiana apenas pode ser adequadamente compreendida a partir do reconhecimento do papel decisivo desempenhado pela dialética, tal como apreendida por Marx, em sua construção. No entanto, convém observar que, aqui, não se propõe a realizar uma exposição crítica exaustiva da volumosa e amplamente controversa literatura sobre a relação entre Hegel e Marx e o método a partir do qual se estrutura *O capital*, mas limita-se a realizar um apanhado de contribuições sobre o tema.

**Palavras-chave:** Marx; Hegel; Dialética; Valor; Capital.

**Abstract**

This paper deals with the relation between dialectics as a scientific method and the structure of Marx's economic theory, which has its most well-finished expression in the three books of *Capital*. Thus, it aims to present the elements considered the most relevant of the dialectical method elaborated by Hegel and developed, in his way, as will be observed later, by Marx, in the construction of his economic theory, with emphasis in the way in which this theory is structured in his *magnum opus*. Specifically, the main purpose of this paper is to define the basic methodological elements for the understanding of the Marxian theory of value from an approach centered on the value-form. In this sense, based on the contributions of Rubin (1973; 2018), it is understood that the understanding of the Marxian theory of value is inseparable from the understanding of the development of the form of value and that to understand it a certain apprehension of the method of Marx it is necessary, an apprehension that seems more consistent with the whole of what is exposed in *Capital* and thus with the very position of his theory of value in this work. In this context, it is understood that Marxian economic theory can only be properly understood from the recognition of the decisive role played by the dialectics as grasped by Marx in its construction. However, it should be noted here that it does not aim to make an exhaustive critical exposition of the voluminous and widely controversial literature on the relationship between Hegel and Marx and the method from which *Capital* is structured but merely makes a collection of contributions on the topic.

**Key-words:** Marx; Hegel; Dialectics; Value; Capital.

**JEL:** B41; B51; P16.

**Área 2 – Economia Política**

**Introdução**

A maneira como Marx desenvolve e expõe suas ideias está condicionada por sua concepção particular de método científico, de modo que a tentativa de interpretá-las por meio de outras abordagens metodológicas pode conduzir a graves equívocos quanto à natureza a aos limites de suas contribuições teóricas, sobretudo quando se considera o caráter inacabado de sua principal obra (LIKITKIJSOMBOON, 1992, p. 415-417; HEINRICH, 2016). Com efeito, em outras palavras, propõe-se, aqui, que é a partir de uma determinada compreensão do que seja o método de Marx que se torna possível considerar *O capital*, na totalidade de seus três livros, como um sistema de categorias inter-relacionadas de forma particular, crítica à Economia Política Clássica, que, a despeito de incompleto, busca reproduzir a economia capitalista em seu conjunto. Assim, o entendimento da teoria marxiana do valor, de seu potencial explicativo e de seus limites exigem considerá-la com base em uma metodologia que a torne inteligível enquanto parte constitutiva desse sistema categorial que busca reproduzir o modo de produção capitalista como uma totalidade. O propósito principal deste artigo é definir os elementos metodológicos básicos para o entendimento da teoria marxiana do valor, a partir de uma abordagem centrada na forma-valor. Nesse sentido, com base nas contribuições teóricas de Rubin (1973; 2018), entende-se que a compreensão da teoria do valor de Marx é indissociável do entendimento do desenvolvimento da forma do valor e que para compreendê-la uma certa apreensão do método de Marx é necessária, apreensão esta que parece mais consistente com o conjunto do que é exposto em *O capital* e, assim, com a própria posição de sua teoria do valor nesta obra.[[3]](#footnote-3)

Nesse sentido, convém fazer referência à conhecida passagem de Lênin, que já no começo do século XX alertava sobre a necessidade do entendimento da relação entre Marx e Hegel no que se refere à dialética, em particular quanto ao papel da *Ciência da lógica* para uma compreensão adequada de *O capital*: “*É impossível compreender completamente O capital, de Marx, sobretudo o capítulo 1, sem ter estudado a fundo e sem ter compreendido toda a Lógica de Hegel. Como consequência, meio século depois, nenhum marxista compreendeu Marx!!*” (LÊNIN, 2018, p. 191). Assim, concorda-se com Likitkijsomboon, para quem “[...] *a correct interpretation and, hence, an effective evaluation of Marx’s theory must be based on a thorough comprehension of the Hegelian dialectic and its use in Marx’s works, especially in Capital.*” (LIKITKIJSOMBOON, 1992, p. 405).

Ademais, entende-se não apenas que é necessário conhecer o método de Marx para que se possa compreender adequadamente sua teoria econômica, mas também que esse método parece constituir seu principal legado, devendo servir de base a qualquer outra teorização econômica que se proponha a empregar as categorias marxianas. Conforme sustenta Rosdolsky: “[...] *we consider the method of Capital to be the most valuable and lasting element of his whole economic ediﬁce, and for that reason, see as the central task of Marxist scholarship today, the study and application of this method.*” (ROSDOLSKY, 1974, p. 62).

Além desta breve introdução e das breves considerações finais com as quais se encerra, o artigo apresenta quatro seções. A seção 1 aborda as duas questões das quais o método dialético dá conta: a compreensão dos fenômenos em sua dupla dimensão essencial e aparente e a demonstração da necessidade das leis que os explicam. A seção 2 apresenta o método dialético como uma unidade entre análise ou investigação e síntese ou exposição. A seção 3 descreve como a estrutura da teoria econômica de Marx presente em *O capital* tem sua construção orientada pelo método dialético. Por fim, a seção 4 trata das diferenças entre Marx e Hegel e entre Marx e a Economia Política Clássica, discutindo o sentido da historicidade da exposição de *O capital*.

**1. Essência e aparência e o princípio da necessidade**

A noção fundamental sobre a qual se erige a concepção dialética de método científico, compartilhada por Hegel e Marx, é a da relação simultaneamente necessária e contraditória entre **essência e aparência** ou, em outros termos, entre conteúdo e forma dos fenômenos. A dialética parte do entendimento de que os fenômenos possuem duas dimensões, uma essencial e outra aparente, ambas igualmente reais, porém opostas entre si. Tem-se, assim, que a realidade – tanto a realidade natural como a realidade social – mostra-se, de modo geral, de maneira invertida: em suas aparências externas, ela exibe o contrário daquilo que é em suas conexões internas; a multiplicidade de suas formas externas, que parecem ser mutuamente alheias e independentes umas das outras, não manifesta a unidade, ainda que contraditória, e a coerência internas e ocultas existentes entre as mesmas; e seu movimento visível e aparente, embora seja expressão necessária de seu movimento interno e oculto, apresenta-se como seu contrário. Convém enfatizar que, para a dialética, ainda que a aparência dos fenômenos seja, de maneira geral, inversa à sua própria essência, não é falsa e não resulta de uma compreensão equivocada dos mesmos, mas existe de fato e constitui uma dimensão necessária de sua realidade.

Daí mesmo é que advém a necessidade e a razão de ser da ciência como meio para a correta compreensão do mundo, segundo essa perspectiva; e uma vez que a explicação científica, que abrange tanto a essência como a aparência e permite compreender a relação necessária entre ambas, revela o inverso do entendimento formado através da percepção sensorial ou observação empírica imediata, com base na experiência cotidiana, que se restringe à aparência, a verdade científica apresenta-se de maneira paradoxal ante as noções assim constituídas. Nesse sentido é que Marx destaca que “[…] *all science would be superfluous if the form of appearance [Erscheinungsform] of things directly coincided with their essence [Wesen].*” (MARX, CIIIb, p. 766).

Por exemplo, ao contrário do que parece óbvio à primeira vista, a Física demonstra que a Terra se move ao redor do Sol, e a Química, que a água consiste de hidrogênio e oxigênio, dois gases altamente inflamáveis. No último caso, em particular, tem-se que os elementos componentes da água considerados de maneira isolada – seu conteúdo, portanto – e sua forma de manifestação combinada – a própria água – claramente não são coincidentes. Convém observar, porém, que a mera descoberta de que a água é composta por uma determinada relação, em certas proporções, entre dois gases que, isoladamente, apresentam características físico-químicas opostas à da água, não modifica em nada as propriedades físico-químicas da própria água; assim, a partir da identificação dos componentes essenciais da água, torna-se necessário compreender de que maneira estes se manifestam necessariamente daquela maneira. Desse modo, para que se chegue ao conhecimento científico da água não é suficiente reduzi-la a seus componentes essenciais, mas é preciso compreender a razão pela qual esse conteúdo assume determinada forma e não existe independentemente dela. De fato, a composição (H2 + O) não existe senão necessariamente assumindo a forma de água e suas propriedades típicas tal como a observamos. Conforme destaca Žižek, a partir de uma concepção dialética, “*essence exists only insofar as it appears, it does not pre-exist its appearance.*” (ŽIŽEK, 2011, p. 214). Dessa maneira, torna-se claro que, a partir dessa concepção, a forma de manifestação de algo não é externa e independente daquilo que se manifesta, mas parte constitutiva necessária do mesmo.

De maneira análoga, ao longo de todo *O capital*, Marx procura mostrar como as relações econômicas capitalistas, tais como se apresentam, obscurecem e mistificam a si mesmas e, uma vez que são apenas percebidas em sua aparência, mas não compreendidas no conjunto de sua essência e sua aparência, são entendidas de maneira equivocada pelos agentes econômicos e pelos próprios economistas. Um dos principais exemplos disso encontra-se no capítulo 4 do livro I de *O capital*, quando Marx apresenta, então, a própria relação social capital pela primeira vez e se dedica-se à origem do processo de valorização do valor, cujo núcleo reside na relação entre capitalistas e trabalhadores assalariados: em sua aparência, isto é, na esfera da circulação, a compra e venda da mercadoria força de trabalho manifesta-se como uma relação contratual entre indivíduos livres e juridicamente iguais e baseada na troca de equivalentes, “ [...] *reino exclusivo da liberdade, da igualdade, da propriedade e de Bentham*” (MARX, CI, p. 250); porém, em sua essência, isto é, na esfera da produção, trata-se de uma relação de exploração, em que os capitalistas apropriam-se sem equivalente de uma parte do tempo de trabalho alheio sob a forma de mais-produto, “*o terreno oculto da produção, em cuja entrada se lê: No admittance except on business*” (MARX, CI, p. 250). Cabe notar que, de fato, nessa ilustração, a compra e venda da mercadoria força de trabalho constitui uma relação de troca de equivalentes: o trabalhador vende ao capitalista sua força de trabalho e recebe por esta exatamente o que ela vale. Essa relação exibe a forma de manifestação necessária de uma sociedade cujo processo de reprodução se funda na mercadoria e, por conseguinte, no intercâmbio entre valores iguais. Ao mesmo tempo, a mercadoria torna-se a forma típica do produto do trabalho humano apenas em uma sociedade em que a própria força de trabalho se torna uma mercadoria e é consumida no processo produtivo, conferindo um valor maior às mercadorias produzidas no processo do que aquele que ela própria vale enquanto mercadoria. Nesse contexto é que Marx observa que “[...] *o capital não pode ter origem na circulação, tampouco pode não ter origem na circulação. Ele tem de ter origem nela e, ao mesmo tempo, não ter origem nela*” (MARX, CI, p. 240).

De acordo com essa perspectiva, para Hegel e Marx, a tarefa da ciência – tanto das ciências naturais como das ciências sociais – é, portanto, revelar a essência em contraste com a aparência, descobrir as conexões internas da realidade em contraste com suas aparências externas, encontrar a unidade, ainda que contraditória, e a coerência internas e ocultas das formas externas em contraste com seu aparente alheamento mútuo e independência, descrever o movimento interno e oculto das coisas em contraste com seu movimento visível e aparente e, assim, fornecer a explicação científica, que abrange tanto a essência como a aparência, em contraste com o entendimento oriundo da mera percepção sensorial ou observação empírica, com base na experiência cotidiana, que se restringe à aparência. Para essa abordagem, o método cientificamente correto, que permite realizar essa tarefa com sucesso, é a dialética. (ROSDOLSKY, 1974, p. 67; LEBOWITZ, 2009, p. 69-72).

Hegel e Marx também compartilham o entendimento de que a verdade científica não é atingível por meio do empirismo e da indução. Diante da multiplicidade das formas externas visíveis na superfície, as quais parecem ser absolutas, livres e indiferentes umas às outras, o pensamento procura identificar padrões e regularidades nos eventos e, com base nestes, formular princípios, teorias e leis sobre a relação entre os elementos da realidade, descobrindo o que há de universal nos particulares. As leis assim formuladas, no entanto, possuem limites inerentes ao próprio método empírico-indutivo pelo qual têm origem e são, por essa razão, estreitas, incompletas e aproximadas, não indo além da aparência – e, desse modo, não captando a essência. Elas ainda se encontram num estágio pouco avançado do conhecimento, pois embora possam, garantida a observância das condições nas quais foram formuladas, oferecer capacidade de previsão, não fornecem explicação científica, pois, de fato, não exploram a gênese do fenômeno sob observação.

Conforme Lebowitz,

The problem with the laws that we develop upon the basis of observation is that even repeated observations do not go beyond appearances: I see the sun rise every day in the East and move to the West where it sets, and I can even predict successfully the sun’s route around the Earth in the future without knowing anything about the real processes involved. The ability to predict (under controlled conditions) and true knowledge, however, are quite different things. (LEBOWITZ, 2009, p. 72).

A esse respeito, o exemplo da lei da gravidade também é esclarecedor. A experiência cotidiana mostra repetidamente que as pedras caem quando são soltas de certa distância do solo. Com base nisso, o pensamento, inferindo por analogia, pode formular a seguinte lei: “toda pedra cai quando é solta de certa distância do solo”. Essa lei apenas informa que, muito provavelmente, uma pedra deve cair quando for solta de certa distância do solo, uma vez que esse padrão ou regularidade já foi constatado após a observação de repetidas ocorrências, sendo esperado que ele se mantenha. No entanto, ela não fornece uma explicação para esse fato, pois não demonstra, por meio de alguma prova ou mediação para o conhecimento, sua necessidade. Em outras palavras, ela expressa uma probabilidade, mas não uma verdade: por mais altas que sejam as chances de que uma pedra caia quando for solta de certa distância do solo, não está demonstrada a razão pela qual ela deve necessariamente cair.

Insofar as laws and theories are developed on the basis of empiricism (in accordance with the best fit, the highest regression coefficient), the inherent necessity for those regularities discovered is hidden. Insofar as we have not reduced those appearances to their inner unity by means of analysis, we thus do not understand those laws. (LEBOWITZ, 2009, p. 73).

A ideia de verdade científica, portanto, está relacionada com a ideia de **necessidade**: o verdadeiro é o necessário. A explicação científica nada mais é do que o fornecimento de uma prova ou mediação para o conhecimento a respeito da necessidade de algum fenômeno. A fim de obter a verdade científica, o pensamento, além de, por meio do empirismo e da indução, identificar padrões e regularidades e, com base nestes, formular princípios, teorias e leis, deve ser capaz de demonstrar sua necessidade. Como instrumento para a demonstração da necessidade e, portanto, para o fornecimento da explicação científica, o raciocínio dialético utiliza o pensamento abstrato ou “*a força da abstração [Abstraktionskraft]*” (MARX, CI, p. 78), que se efetiva num duplo movimento de abstração e concretização informado pela realidade. (LEBOWITZ, 2009, p. 72-73).

**2. O método dialético**

O processo do raciocínio dialético constitui-se de dois momentos indissociáveis: primeiramente, parte do concreto-complexo para o abstrato-simples; em segundo lugar, retorna do abstrato-simples para o concreto-complexo (LEBOWITZ, p. 77; LIKITKIJSOMBOON, p. 406 e 408-410). Destarte, seu objetivo é realizar a reprodução ideal da totalidade real em perspectiva, revelando suas múltiplas determinações e relações, compreendendo seus fenômenos em sua dupla dimensão essencial e aparente e demonstrando a necessidade das leis que os explicam. Na *Introdução à crítica da economia política* e no *Posfácio da segunda edição*, respectivamente, Marx (G, p. 54; CI, p. 90) refere-se ao primeiro movimento teórico como análise e modo de investigação, e ao segundo, como síntese e modo de exposição. A dialética resulta, portanto, da unidade entre análise ou investigação e síntese ou exposição.[[4]](#footnote-4)

Sem dúvida, deve-se distinguir o modo de exposição segundo sua forma, do modo de investigação. A investigação tem de se apropriar da matéria [*Stoff*] em seus detalhes, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexo interno. Somente depois de consumado tal trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Se isso é realizado com sucesso, e se a vida da matéria é agora refletida idealmente, o observador pode ter a impressão de se encontrar diante de uma construção a priori.(MARX, CI, p. 90).

**Análise ou investigação.** O primeiro movimento do raciocínio dialético consiste na transição do concreto observado para o conceito abstrato[[5]](#footnote-5) (LEBOWITZ, 2009, p. 77). A realidade existe como um todo ou uma totalidade concreto e complexo, o qual é reconhecido como caótico pela percepção sensorial ou observação empírica, que forma “*uma representação caótica do todo*” (MARX, G, p. 54). A ciência, tendo por tarefa compreender a essência e as conexões internas da realidade, deve, portanto, começar por ela mesma, isto é, pela existência e pela experiência concretas e imediatas. “*Parece ser correto começarmos pelo real e pelo concreto, pelo pressuposto efetivo* [...]” (MARX, G, p. 54). Assim, o *todo concreto-complexo* constitui o ponto de partida real para a análise ou investigação. Por meio do processo de abstração, a investigação reduz a riqueza de suas múltiplas determinações aparentes mais concretas, complexas e particulares, intuídas pela experiência, às suas determinações essenciais mais abstratas, simples e universais, de modo a obter o *termo abstrato-simples*, a mais abstrata e simples das determinações, que constitui o ponto de chegada da análise. Na história do pensamento econômico, essa foi a maneira como os economistas do século XVII procederam:

A primeira via foi a que tomou historicamente a Economia em sua gênese. Os economistas do século XVII, p. ex., começam sempre com o todo vivente, a população, a nação, o Estado, muitos Estados etc., mas sempre terminam com algumas relações determinantes, abstratas e gerais, tais como divisão do trabalho, dinheiro, valor etc., que descobrem por meio da análise. (MARX, G, p. 54).

**Síntese ou exposição.** O segundo movimento do raciocínio dialético consiste na transição do conceito abstrato para o concreto entendido (LEBOWITZ, 2009, p. 77). Conforme Hegel, o abstrato deve em toda parte constituir o início e o elemento a partir do qual as particularidades e as ricas formas do concreto se espalham (LEBOWITZ, 2009, p. 74). “*Daí teria de dar início à viagem de retorno* [...]” (MARX, G, p. 54). Assim, o *termo abstrato-simples* constitui o ponto de partida lógico para a síntese ou exposição.Por meio do processo de derivação dialética, a exposição move-se das determinações essenciais mais abstratas, simples e universais, abstraídas pelo pensamento, para as determinações aparentes mais concretas, complexas e particulares, num processo de enriquecimento progressivo imanente às próprias determinações, de modo a retornar ao *todo concreto-complexo*, a mais concreta e complexa das determinações, que constitui o ponto de chegada da síntese. Dessa maneira, o pensamento deduz logicamente uma concepção do todo, “[...] *como uma rica totalidade de muitas determinações e relações.*” (MARX, G, p 54). Na história do pensamento econômico, essa foi a maneira como os economistas políticos clássicos – Smith, Ricardo, etc. – procederam[[6]](#footnote-6):

Tão logo esses momentos singulares foram mais ou menos fixados e abstraídos, começaram os sistemas econômicos, que se elevaram do simples, como trabalho, divisão do trabalho, necessidade, valor de troca, até o Estado, a troca entre as nações e o mercado mundial. (MARX, G, p. 54).

A exposição ocorre da seguinte maneira (LEBOWITZ, 2009, p. 81-82; LIKITKIJSOMBOON, 1992, p. 406-407). O processo de derivação desenrola-se[[7]](#footnote-7) através de uma cadeia de categorias interligadas na qual cada estágio particular da dedução lógica contém três termos chamados de *tese-antítese-síntese* (ou *unidade-contradição-unidade*, ou *imediatismo-mediação-imediatismo superior*) e o termo final de um estágio constitui o termo inicial do estágio subsequente.[[8]](#footnote-8) Assim, toda *tese*, exceto a do primeiro estágio, é constituída pela *síntese* anterior, e toda *síntese*, exceto a do último estágio, constitui uma nova *tese*. O processo começa com o *termo abstrato-simples*, que constitui a *tese* inicial, e termina com o *todo concreto-complexo*, que constitui a *síntese* final. Ao longo de todo o encadeamento, as categorias não apenas encontram-se ordenadas de acordo com seus graus de abstração ou concretude, desde a mais abstrata e simples até a mais concreta e complexa, mas também são logicamente deduzidas umas das outras, de modo que cada categoria dá origem à categoria subsequente, demonstrando a totalidade que perfazem. Em seu conjunto, a derivação apresenta-se assim:

*termo abstrato-simples – antítese – síntese/tese – antítese – síntese/tese ... síntese/tese – antítese – síntese/tese – antítese – todo concreto-complexo*

Nas palavras de Heinrich,

This method [dialético] gains importance with the “dialectical presentation” of categories. This means that in the course of the presentation the individual categories are *unfolded* from one another: they are not simply presented in succession or alongside each other. Rather, their interrelationship (how one category **necessitates** the existence of another) is made clear. The *structure* of the depiction is therefore not a didactic question for Marx, but has a decisive *substantive* meaning. (HEINRICH, 2012, p. 37, grifo nosso).

Inicialmente, introduz-se uma primeira categoria – *tese* –, a qual, contendo uma definição unilateral e ainda não manifestando dentro de si nenhuma inconsistência, diferença, distinção, oposição ou negação, apresenta-se como uma unidade imediata. Diante dela, faz-se a seguinte primeira interrogação: o que essa categoria implica e o que resulta como contradição dela mesma? Então, levando-se sua definição a sua conclusão lógica, mostra-se que essa categoria contém dentro de si, de maneira latente, uma contradição, sendo deficiente e inadequada em si mesma e devendo implicar uma outra categoria. O momento dialético com respeito ao primeiro termo, portanto, consiste em identificar a contradição que ele implicitamente contém, de modo a se obter o segundo termo.

Então, obtém-se uma segunda categoria – *antítese* ou negação –, a qual, contendo uma definição também unilateral, mas oposta à da primeira categoria, e rompendo sua unidade, apresenta-se como uma contradição mediadora. Trata-se de uma categoria mais complexa que a anterior, pois foi enriquecida pela contradição de sua definição; ela abrange seu conteúdo e a contém, mas também possui um conteúdo adicional e contém mais que ela. Diante dela, faz-se a seguinte segunda interrogação: o que a relação entre essa categoria e a categoria anterior implica e o que resulta como unidade desses opostos? Então, levando-se a relação de oposição a sua conclusão lógica, mostra-se que essa categoria contém dentro de si, de maneira latente, uma unidade, também sendo deficiente e inadequada em si mesma e também devendo implicar uma outra categoria. O momento dialético com respeito ao segundo termo, portanto, consiste em introduzir a unidade que ele implicitamente contém, de modo a se obter o terceiro termo.

Por fim, obtém-se uma terceira categoria – *síntese* ou negação da negação –, a qual, sendo constituída pela relação de oposição entre as duas primeiras categorias e constituindo a unidade entre elas, apresenta-se como uma nova unidade imediata. Trata-se também de uma categoria mais complexa que as anteriores, pois foi enriquecida pela unidade de sua relação de oposição; ela abrange o conteúdo unilateral de ambas e as contém, mas também possui um conteúdo adicional e contém mais que elas, transcendendo sua unilateralidade; além disso, com relação à primeira categoria, trata-se de uma ordem superior de unidade e imediatismo, pois inclui dentro de si a unidade ou imediatismo e a contradição ou mediação anteriores. Apesar disso, a terceira categoria, tal como a primeira, também contém dentro de si, de maneira latente, uma contradição, devendo-se repetir, diante dela, a primeira interrogação. O terceiro termo é ele mesmo um novo primeiro termo e não constitui um ponto de parada, mas um novo ponto de partida; a partir dele, o processo de derivação deve ser reiniciado, passando-se ao estágio subsequente da dedução lógica.

A exposição constitui um processo de enriquecimento progressivo, que preserva conteúdos anteriores ao mesmo tempo em que agrega conteúdos novos.

Por um lado, a cada vez que uma categoria nova é derivada de uma categoria anterior, ocorre uma preservação dos conteúdos anteriores. Conforme Hegel, o conhecimento desenrola-se, de conteúdo em conteúdo, progredindo das determinações mais abstratas e simples para as determinações subsequentes mais concretas e complexas, e cada passo desse processo não perde nada e não deixa nada para trás, mas carrega consigo tudo o que já foi adquirido (LEBOWITZ, 2009, p. 82-83). À medida que o processo de derivação dialética progride, cada uma das categorias novas que vêm a ser obtidas inclui dentro de si as determinações de todas as categorias anteriores já introduzidas.

Nas palavras de Likitkijsomboon,

Along this line of reasoning, the category that comes later will always include the preceding ones, as well as their contradictions, as a part of its own definition or determination. Anything that comes before it has been preserved. Nothing has been lost. Thus, as one progressively moves along this dialectical chain, each new category encountered will be more and more multi-dimensional, with a more and more complex determination, so that the later-coming category is said to be more *concrete-complex* than the preceding ones, which are in turn said to be more *abstract-simple*. The determination and definition of a particular category is simply the meanings and contradictions of all the categories that come before it. This is called the sublation of categories. (LIKITKIJSOMBOON, 1992, p. 407).

Por outro lado, a cada vez que uma categoria nova é derivada de uma categoria anterior, ocorre uma agregação de conteúdos novos de duas maneiras: por um lado, tem-se a obtenção de uma categoria nova, portadora de um conteúdo adicional e de um significado diferente com relação à categoria anterior; por outro lado, tem-se também uma ampliação dos conteúdos e uma alteração dos significados de todas as categorias anteriores já introduzidas. Em decorrência do segundo ponto, a definição de cada uma das categorias deve diferir entre o momento em que elas são introduzidas no processo de derivação e o momento em que esse processo termina e a totalidade é reproduzida pelo pensamento. Em razão disso, Lebowitz (2009, p. 85) alerta para a importância de não se “fetichizar” os momentos dentro do processo de raciocínio, no sentido de considerá-los absolutos. Antes que a derivação termine, as categorias ainda não estão dotadas da plenitude de seus conteúdos e significados, de modo que suas definições devem ser tomadas como provisórias e não definitivas; apenas do ponto de vista da totalidade reproduzida pelo pensamento, obtida ao fim da derivação, é que os conteúdos, os significados e as definições das categorias podem ser corretamente apreendidos. (PALLUDETO, 2016, cap. 4.3).

Nas palavras de Saad Filho,

Em resumo, em teorias dialéticas necessariamente coexistem conceitos em diferentes níveis de abstração. O progresso da análise [na terminologia adotada neste trabalho, leia-se síntese ou exposição] inclui a introdução de novos conceitos e o aprimoramento e a reprodução dos conceitos existentes em níveis de complexidade mais elevados. Por conseguinte, o significado e a importância dos conceitos de Marx dependem do *nível* da análise [leia-se síntese ou exposição]. (SAAD FILHO, 2011, p. 28).

[...] o método de Marx envolve não apenas a *progressiva transformação de alguns conceitos em outros*, mas também *mudanças graduais no significado de cada conceito*, sempre que necessário para acomodar a evolução da análise [leia-se síntese ou exposição]. (SAAD FILHO, 2011, p. 144).

Nas palavras de Lebowitz,

Precisely because, in the very process of dialectical thought, terms, concepts and moments are altered in their meaning and significance – precisely because this dialectical method involves the constant enrichment of concepts – it is inherent that the meaning and definition of moments within the totality will *differ* from that which they possess when they are first encountered in the process of abstract thought.

[…] In dialectical reasoning, terms and moments are introduced in a one-sided manner, developing their all-sidedness only in the course of the construction of the totality. It is only, however, when we have successfully developed that ‘totality of thoughts’ that we can understand fully its elements. (LEBOWITZ, 2009, p. 85).

**Dialética como unidade entre análise ou investigação e síntese ou exposição.** O raciocínio dialético, convém retomar, consiste em dois movimentos: primeiramente, a transição do concreto observado para o conceito abstrato; em segundo lugar, a transição do conceito abstrato para o concreto entendido (LEBOWITZ, 2009, p. 77). Em seu início, isto é, quando começa a análise ou investigação, a percepção sensorial ou observação empírica formam uma “*uma representação caótica do todo*” (MARX, G, p. 54); em seu fim, isto é, quando termina a síntese ou exposição, o pensamento deduz logicamente uma concepção do todo “[...] *como uma rica totalidade de muitas determinações e relações.*” (MARX, G, p. 54).

O último é manifestamente o método cientificamente correto.[[9]](#footnote-9) O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação. Na primeira via, a representação plena foi volatilizada em uma determinação abstrata; na segunda, as determinações abstratas levam à reprodução do concreto por meio do pensamento. (MARX, G, p. 54).

Na totalidade reproduzida pelo pensamento, compreende-se a dupla dimensão essencial e aparente da realidade. As relações entre as várias categorias constituintes da totalidade – obtidas da própria realidade por meio do processo de abstração e logicamente deduzidas umas das outras por meio do processo de derivação dialética, existentes em vários graus de abstração ou concretude e todas elas mutuamente conectadas entre si e unidas em opostos – apresentam-se como relações necessárias. Assim, é fornecida uma explicação científica sobre o modo de funcionamento da realidade, e os princípios, teorias e leis formulados com base em seus padrões e regularidades constituem verdades científicas.

Existe, na cadeia de categorias do raciocínio dialético, uma relação entre o implícito ou *em si* e o explícito ou *em si e para si*. As categorias mais abstratas e simples contêm implicitamente, são potencialmente ou *em si* e, portanto, pressupõem as categorias mais concretas e complexas, de modo que no abstrato-simples existe a possibilidade do concreto-complexo; e as categorias mais concretas e complexas contêm explicitamente, são efetivamente ou *em si e para si* e, portanto, pressupõem as categorias mais abstratas e simples, de modo que no concreto-complexo existe a realidade do abstrato-simples. Assim, o *termo abstrato-simples*, que é ao mesmo tempo o ponto de partida lógico da síntese ou exposição e o ponto de chegada da análise ou investigação, pressupõe todas as categorias mais concretas e complexas da totalidade e tem por fundamento real o *todo concreto-complexo*; e o *todo concreto-complexo*, que é ao mesmo tempo o ponto de partida real da análise ou investigação e o ponto de chegada da síntese ou exposição, pressupõe todas as categorias mais abstratas e simples da totalidade e tem por fundamento lógico o *termo abstrato-simples*; além disso, o *todo concreto complexo* é ao mesmo tempo o ponto de partida e o ponto de chegada da dialética. Portanto, o raciocínio dialético constitui, no conjunto de seu duplo movimento, um círculo de categorias dialeticamente relacionadas, cuja totalidade é autodeterminada e absoluta. (LIKITKIJSOMBOON, 1992, p. 407-408).

Um elemento constituinte do raciocínio dialético é a concepção de unidade de opostos: entende-se que muitos processos reais (que existem como s*íntese*) ocorrem com base numa unidade entre dois opostos (que existem como *tese* e *antítese*) que guardam uma relação contraditória entre si. Esses opostos são idênticos, no sentido de que constituem os dois lados de uma mesma relação ou de um único todo e são dependentes um do outro e necessários um ao outro para sua existência e pressupõem, condicionam, produzem, promovem e desenvolvem reciprocamente um ao outro como condições positivas, não sendo possível abolir um sem abolir o outro (LEBOWITZ, 2009, p. 78-79; RUBIN, 2018, p. 753). Em *O capital*, o principal exemplo disso está, mais uma vez, na relação social entre capitalistas e trabalhadores assalariados. “*Well before writing Capital, in short, Marx looked upon capitalism as ‘a total, connected process’ which ‘produces and reproduces the capital-relation itself; on the one hand the capitalist, on the other the wage-labourer’.*” (LEBOWITZ, 2009, p. 78). Capital e trabalho assalariado são dois opostos que apenas podem existir na presença um do outro e de cuja existência conjunta resulta o capitalismo. Ao mesmo tempo em que formam uma unidade, existem em constante contradição: os interesses dos capitalistas e os dos trabalhadores assalariados são diametralmente opostos; por exemplo, no que se refere à questão distributiva, lucros e salários guardam uma razão inversa entre si. “*Class struggle between these two inseparable opposites, the ‘two sides of a single whole’, is the contradiction that drives capitalism forward, is the source of its motion.*” (LEBOWITZ, 2009, p. 79). Outro exemplo disso está na relação entre produção e consumo, que apenas podem existir um em função do outro: “[...] *nada mais simples para um hegeliano do que pôr a produção e o consumo como idênticos.*” (MARX, G, p. 48).

**3. A estrutura de *O capital***

No *Prefácio da primeira edição*, Marx anuncia nos seguintes termos seu objetivo em *O capital*: “*O que pretendo nesta obra investigar é o modo de produção capitalista e suas correspondentes relações de produção e de circulação.*” (MARX, CI, p. 78). O propósito de *O capital* é, portanto, compreender e explicar as “*leis naturais da produção capitalista*” (MARX, CI, p. 78). “*Trata-se dessas próprias leis, dessas tendências que atuam e se impõem com férrea necessidade.*” (MARX, CI, p. 78). Em outros termos, “*a finalidade última desta obra é desvelar a lei econômica do movimento da sociedade moderna*” (MARX, CI, p. 79). No livro III de *O capital*, essa mesma ideia é assim expressa: “[…] *we only need to present the internal organisation of the capitalist mode of production in its ideal average, so to speak.*” (MARX, CIIIb, p. 898). Na *Introdução à crítica da economia política*, Marx afirma: “*O capital é a potência econômica da sociedade burguesa que tudo domina. Tem de constituir tanto o ponto de partida* *quanto o ponto de chegada* [...]” (MARX, G, p. 60).

Portanto, a totalidade cujo modo de funcionamento Marx dedica-se a estudar em *O capital*, por meio do método dialético, é o modo de produção capitalista, expressão de um sistema de relações fundado na relação social entre capitalistas e trabalhadores assalariados, ou, numa única palavra, o capitalismo. Assim, o capital constitui o objeto da dialética de *O capital* ou, alternativamente, *O capital* constitui a dialética – a análise ou investigação e a síntese ou exposição – do capital. De início, o capital é reconhecido como caótico pela percepção sensorial ou observação empírica. Primeiramente, por meio do processo de abstração, deve-se reduzir a riqueza de suas múltiplas determinações aparentes mais concretas, complexas e particulares às suas determinações essenciais mais abstratas, simples e universais. Em segundo lugar, por meio do processo de derivação, deve-se mover das últimas para as primeiras. Por fim, o pensamento deduz logicamente uma concepção do capital “[...] *como uma rica totalidade de muitas determinações e relações.*” (MARX, G, p. 54).

Nas palavras de Belluzzo,

O sujeito (objeto) é o regime do capital plenamente constituído – e sua lei de movimento, tal como aparecem aos olhos do observador interessado. O deslindamento do objeto em questão obriga a uma *incursão retroativa* para que se possa chegar às categorias mais simples dessa totalidade complexa [análise ou investigação]. Daí é possível a exposição das conexões entre essas categorias elementares, abstratas e as formas mais desenvolvidas, concretas [síntese ou exposição]. (BELLUZZO, 2012, p. 43-44).

Por meio do processo de abstração, a mercadoria é obtida, entre todas as determinações constituintes da totalidade do capitalismo, como a mais abstrata e simples das determinações. A esse respeito, Marx escreve no *Prefácio da primeira edição*:

Todo começo é difícil, e isso vale para toda ciência. Por isso, a compreensão do primeiro capítulo, em especial da parte que contém a análise da mercadoria, apresentará a dificuldade maior. No que se refere mais concretamente à análise da substância e da grandeza do valor, procurei popularizá-las o máximo possível. A forma de valor, cuja figura acabada é a forma-dinheiro, é muito **simples e desprovida de conteúdo**. Não obstante, o espírito humano tem procurado elucidá-la em vão há mais de 2 mil anos, ao mesmo tempo que obteve êxito, ainda que aproximado, na análise de formas muito mais **complexas e plenas de conteúdo**. Por quê? Porque é mais fácil estudar o **corpo desenvolvido** do que a **célula** que o compõe. Além disso, na análise das formas econômicas não podemos nos servir de microscópio nem de reagentes químicos. A força da abstração [*Abstraktionskraft*] deve substituir-se a ambos. **Para a sociedade burguesa, porém, a forma-mercadoria do produto do trabalho, ou a forma de valor da mercadoria, constitui a forma econômica celular.** Para o leigo, a análise desse objeto parece se perder em vãs sutilezas. Trata-se, com efeito, de sutilezas, mas do mesmo tipo daquelas que interessam à anatomia micrológica. (MARX, CI, p. 77-78, grifo nosso).

Portanto, a mercadoria é simples e desprovida de conteúdo e constitui a forma econômica celular, em contraste com o capital, que é complexo e pleno de conteúdo e constitui o corpo desenvolvido.[[10]](#footnote-10) Conforme Belluzzo, “*A mercadoria, em sua dupla natureza de valor de uso e valor de troca é o ponto de partida da exposição porque exprime as “relações elementares” do modo de produção capitalista já constituído em todas as suas formas.*” (BELLUZZO, 2012, p. 44). Na passagem seguinte, Lebowitz examina o processo de abstração realizado por Marx, desde os *Manuscritos econômico-filosóficos*, passando pelos *Grundrisse*, até chegar a *O capital*, para obter a mercadoria como a determinação mais abstrata e simples do capitalismo:

Whereas his 1844 [*Manuscritos econômico-filosóficos*] starting point was the concept of estranged/alienated labour, the mature Marx’s logical journey to the understanding of capitalism began with the commodity. In the course of analysing the characteristics of money in his *Grundrisse* notebooks, it had become clear to him that the contradictions he was uncovering were already latent within the commodity; and, as he proceeded into an exploration of capital and the relation of capital and wage-labour, he identified the commodity as the logical starting point for the study of capitalism.

In retrospect, the commodity seems like an obvious choice. Given his growing recognition that the purchase of labour-power as a commodity is a unique characteristic of capitalism – one which ensures that the product of workers is estranged, alienated and a power over them as the result of a free transaction, it made much sense to begin by understanding exactly what a commodity is and what its sale entails. But this transparency is all in retrospect – it reflects Marx’s success in tracking down the inner connections. (LEBOWITZ, 2009, p. 80-81).

Nesse sentido, a seguir, faz-se uma apresentação geral da exposição de *O capital*, mostrando-a como um processo de enriquecimento progressivo.

O primeiro capítulo do livro I de *O capital* apresenta a mercadoria como um duplo de valor e valor de uso; por sua vez, as duas primeiras seções do livro I apresentam uma sucessão categorial que parte da mercadoria, passa pelo dinheiro e chega ao capital:

*mercadoria (tese) – dinheiro (antítese) – capital (síntese)*[[11]](#footnote-11)

Inicialmente, a mercadoria é introduzida como uma unidade de valor e valor de uso. Então, o dinheiro é posto dialeticamente de modo que a oposição interna entre valor e valor de uso contida na mercadoria se manifesta por meio de uma oposição externa entre mercadoria e dinheiro, a primeira representando o valor de uso e o segundo representando o valor. Até esse momento, a exposição limita-se à *circulação simples de mercadorias*, cujo ciclo tem a forma M-D-M, ou vender para comprar. Por fim, o capital é posto dialeticamente como valor que se valoriza, e a exposição adentra na *circulação do dinheiro como capital*, cujo ciclo tem a forma D-M-D’, ou comprar para vender.

A cada passo do processo de derivação, assiste-se a uma ampliação dos conteúdos das categorias anteriores já introduzidas. Quando introduzida, a mercadoria é apenas um produto do trabalho destinado à troca, sendo ao mesmo tempo um objeto útil e um suporte de valor; após a introdução do dinheiro, apresenta-se a mercadoria-dinheiro, de modo que uma mercadoria particular é excluída como equivalente universal e passa a expressar os valores de todas as outras mercadorias; e após a introdução do capital, apresenta-se a mercadoria força de trabalho, de modo que a produção de mercadorias torna-se produção capitalista de mercadorias, deixando de ser realizada por produtores independentes com a finalidade do consumo e passando a ser realizada por meio da relação social entre capitalistas e trabalhadores assalariados com a finalidade da valorização do valor. Quando introduzido, o dinheiro funciona apenas como dinheiro, em suas funções tradicionalmente conhecidas: medida dos valores, meio de circulação, tesouro e meio de pagamento; após a introdução do capital, o dinheiro passa a funcionar como capital, forma inicial e final do processo de circulação do capital em seu movimento de valorização (D-M-D’). Nesse sentido, Lebowitz afirma: “*The commodity, for example, looks different after development of the concepts of money, capitalist circulation and capitalist production and capital as a whole – and the same is true of money and, indeed, capital itself. They must.*” (LEBOWITZ, 2009, p. 85).

À medida que a derivação dialética progride, ao longo do restante do livro I e dos livros II e III, a mercadoria, o dinheiro e o capital têm seus conteúdos ainda mais ampliados: por exemplo, a terra, que não possui valor, é apresentada como mercadoria, sendo comprada e vendida por um preço, e como capital, sua propriedade dando origem a uma renda prospectiva, e o dinheiro deixa de existir apenas nas formas de mercadoria-dinheiro, em sua corporeidade dourada ou prateada, e de signo de dinheiro, como papel-moeda que o representa, e passa a existir na forma de dinheiro creditício. Em razão disso, *O capital* deve ser abordado como uma totalidade: os conteúdos, os significados e as definições de suas categorias apenas podem ser corretamente apreendidos ao fim do livro III, quando a derivação termina e a totalidade do capitalismo, “em sua média ideal”, é reproduzida pelo pensamento. (PALLUDETO, 2016, cap. 4.3).

Nas palavras de Heinrich,

If we begin to read *Capital*, we encounter certain difficulties. Particularly at the beginning, the text is not always very easy to understand. The three book’s mere girth is also likely to act as a deterrent. Under no circumstances, however, should one be satisfied with reading only the first volume. Since Marx represents his object of inquiry on different levels of abstraction that mutually imply and complement each other, the theory of value and surplus-value dealt with in the first volume can only be fully understood at the end of the third volume. What one believes to be understood after reading only the first volume is not only incomplete, but in fact distorted. (HEINRICH, 2012, p. 9).

A estrutura geral de *O capital* divide-se em três livros[[12]](#footnote-12), cada um deles apresentando o capital, respectivamente, como *processo direto de produção*, *processo de circulação* e *processo de produção como um todo* (ROSDOLSKY, 1974, p. 67-70; LIKITKIJSOMBOON, 1992, p. 411-413; HEINRICH, 2016, p. 105-106):

*processo direto de produção (tese) – processo de circulação (antítese) – processo de produção como um todo (síntese)*

O livro I (MARX, CI), que tem por subtítulo *O processo de produção do capital*, trata da produção capitalista como tal, isto é, do movimento do capital na esfera da produção, apresenta o capital *em si* e constitui uma *tese*. Nele, o capital é posto dialeticamente em sua unidade imediata, como *processo direto de produção* (...P...), apenas se pressupondo o *processo de circulação*, e apresenta-se de maneira abstrata, como capital em geral, apenas se pressupondo o *processo de distribuição* do capital social total em seus diversos setores ou a concorrência intercapitalista. São examinadas as categorias mais abstratas de valor, mercadoria, dinheiro, capital constante e capital variável, mais-valor absoluto e mais-valor relativo e reprodução simples e reprodução ampliada (ou acumulação) do capital individual, entre outras.

O livro II (MARX, CII), que tem por subtítulo *O processo de circulação do capital*, trata da circulação capitalista, isto é, do movimento do capital na esfera da circulação, ainda apresenta o capital *em si* e constitui uma *antítese*. Nele, o capital é posto dialeticamente em sua contradição mediadora, como *processo de circulação* (D-M e M’-D’, no ciclo do capital monetário; M’-D’-M, no ciclo do capital produtivo; e M’-D’-M e M’, no ciclo do capital-mercadoria), apenas se pressupondo o *processo direto de produção*, e ainda se apresenta de maneira abstrata, como capital em geral, também apenas se pressupondo o *processo de distribuição* do capital social total em seus diversos setores ou a concorrência intercapitalista. São examinadas as categorias de grau intermediário de abstração ou concretude de diferentes ciclos do capital (capital monetário, capital produtivo e capital-mercadoria), rotação do capital, capital fixo e capital circulante e reprodução simples e reprodução ampliada (ou acumulação) do capital social total, entre outras. Assiste-se a uma ampliação dos conteúdos das categorias anteriores já introduzidas: por exemplo, a produção do mais-valor e a acumulação do capital, que foram apresentadas como tais em meio ao *processo direto de produção*, são agora apresentadas como condicionadas ao *processo de circulação*. A seção III do livro II, que apresenta os esquemas de reprodução, já realiza a *síntese* entre o *processo direto de produção* e o *processo de circulação*, apresentando o *processo de produção como um todo* como a unidade resultante da relação de oposição entre ambos; então, ainda no contexto do capital em geral, apresenta-se uma divisão do capital social total em dois setores: o setor produtor de meios de produção e o setor produtor de meios de consumo.

O livro III (MARX, CIIIa e CIIIb), que tem por subtítulo *As formas do processo como um todo*[[13]](#footnote-13), trata das formas concretas e particulares que se desenvolvem a partir da produção capitalista como um todo, isto é, do movimento do capital tanto na esfera da produção como na esfera da circulação, apresenta o capital *em si e para si* e constitui uma *síntese*. Nele, o capital é introduzido em sua nova unidade imediata, como *processo de produção como um todo* (D-M...P...M’-D’, no ciclo do capital monetário; P...M’-D’-M...P, no ciclo do capital produtivo; e M’-D’-M...P...M’, no ciclo do capital-mercadoria), que compreende o *processo direto de produção* e o *processo de circulação*, e apresenta-se de maneira concreta, como muitos capitais individuais diferentes confrontando uns aos outros, isto é, como *processo de distribuição* do capital social total ou concorrência intercapitalista. São examinadas as categorias mais concretas de preço de produção, lucro, capital comercial, capital portador de juros, capital fictício e renda fundiária, entre outras. Assiste-se, mais uma vez, a uma ampliação dos conteúdos das categorias anteriores já introduzidas: por exemplo, em virtude do *processo de distribuição* do capital social total ou da concorrência intercapitalista, observa-se uma diferença quantitativa entre o mais-valor produzido e o mais-valor realizado pelo capital individual. Ao fim do livro III, conclui-se a reprodução pelo pensamento da totalidade de uma economia capitalista pura completamente desenvolvida, com suas relações econômicas reais em todas as esferas (LIKITKIJSOMBOON, 1992, p. 413).[[14]](#footnote-14)

Nas palavras de Rosdolsky,

[…] Volumes I and II of *Capital* are also limited, in Marx’s own words, merely to the “abstract view of the phenomenon of capital formation,” i.e., they are confined to the analysis of the process of circulation and reproduction “in its fundamental form” – to the consideration of “capital in general.” *The actual methodological difference begins only with Volume III*. As is well known, this volume was intended to investigate those formations of capital which “gradually approach the form … in which they themselves appear on the surface of society, *in the action of different capitals vis-à-vis one another in competition*, and in the normal consciousness of the producers.” At this point the investigation of “capital in general” is left behind. (ROSDOLSKY, 1974, p. 70).[[15]](#footnote-15)

Marx inicia o livro III com o seguinte parágrafo, que contém informações esclarecedoras a respeito da estrutura geral de *O capital*:

We have seen that the production process, considered as a whole, is a unity of the processes of production and circulation. This point was examined more closely when we considered the circulation process as a process of reproduction (in Chapter Four of Book Two). It cannot be the purpose of the present book to make general reflections on this ‘unity’. What is necessary is rather to discover and present the concrete forms [*Formen*] which grow out of the process of capital, considered as a whole. (In their actual movement, capitals confront each other in certain concrete forms, for which both the shape of capital in the direct production process and its shape in the process of circulation appear merely as particular aspects of their movement. The forms [*Gestaltungen*] of capital, as we develop them in this book, thus come closer, step by step, to the form [*Form*] in which they appear at the surface of society, in the everyday consciousness of the agents of production themselves and finally in the action of the different capitals upon each other, namely competition.) (MARX, CIIIb, p. 49).

Em seu conjunto, a exposição de *O capital* apresenta-se assim:

*mercadoria – dinheiro – capital (processo direto de produção) – capital (processo de circulação) – capital (processo de produção como um todo)*

De maneira análoga ao referido sobre o conteúdo das categorias, também se deve entender que as leis econômicas formuladas em *O capital* não reproduzem o modo de funcionamento da realidade imediatamente, isto é, tal como sua formulação apresenta-se em níveis mais abstratos da exposição, mas apenas por meio de uma série de mediações, isto é, tal como sua formulação apresenta-se no nível mais concreto da exposição. A lei do valor tem seu conteúdo ampliado mediante a transformação de valores em preços de produção: no livro I, no contexto da *circulação simples de mercadorias* ou da produção de mercadorias, as mercadorias são trocadas por seus valores; no livro III, no contexto da *circulação do dinheiro como capital* ou da produção capitalista de mercadorias e da concorrência intercapitalista, as mercadorias passam a ser trocadas por seus preços de produção.

Ademais, apesar de a exposição realizar-se por meio de contradições, a cadeia de categorias da dialética de *O capital* constitui um sistema lógico dotado de consistência interna. Embora haja uma contradição entre a troca das mercadorias por seus valores e a troca das mercadorias por seus preços de produção, esta não deve ser entendida como uma inconsistência lógica da dialética de *O capital*, mas como resultado da comparação entre dois momentos distintos, um mais abstrato e outro mais concreto, da exposição da lei do valor, cujo propósito é compreender e explicar a maneira como ocorre o processo de reprodução de uma sociedade voltada à valorização permanente do valor.

Nas palavras de Rosdolsky,

Up to now very little consideration has been given to the high level of conceptual abstraction in Marx’s *Capital*. Many objections by academic critics of Marx could have been avoided had there been clear understanding on this point. In truth, only a few critics of Marx have understood that the underlying assumption found in the first two volumes of this work, namely that commodities are exchanged at their value, is of purely methodological character, and is not intended to express anything about concrete reality. (The so-called Bortkiewicz-problem that has even confused a few Marxists, also belongs in this category.) But these are trivial objections which result from misunderstanding the structure of Marx’s work. In the first two volumes, Marx intentionally ignores such issues as the average rate of profit, production prices which deviate from values, etc. – these volumes deal exclusively with “capital *in general*.” (ROSDOLSKY, 1974, p. 67-68).

[…] in Marx's work – as he himself said of Ricardo – theory must work itself out of the wealth of its living substratum, out of those very appearances which seem to contradict it. Furthermore, theory cannot be applied to real developments in a state of constant flux without the necessary mediations. (ROSDOLSKY, 1974, p. 71).

Enfim, na cadeia de categorias da dialética de *O capital*, a mercadoria, a mais abstrata e simples das categorias, representa o *termo abstrato-simples* e constitui a *tese* inicial, sendo ao mesmo tempo o ponto de partida lógico da síntese ou exposição e o ponto de chegada da análise ou investigação; e o capital, enquanto *processo de produção como um todo*, a mais concreta e complexa das categorias, representa o *todo concreto-complexo* e constitui a *síntese* final, sendo ao mesmo tempo o ponto de partida real da análise ou investigação e o ponto de chegada da síntese ou exposição, bem como o ponto de partida e o ponto de chegada da dialética. A mercadoria contém implicitamente, é potencialmente ou *em si* e, portanto, pressupõe todas as categorias mais concretas e complexas da totalidade do capitalismo e têm por fundamento real o capital, enquanto *processo de produção como um todo*; e o capital, enquanto *processo de produção como um todo*, contém explicitamente, é efetivamente ou *em si e para si* e, portanto, pressupõe todas as categorias mais abstratas e simples da totalidade do capitalismo e tem por fundamento lógico a mercadoria.

Nas palavras de Rubin,

Once we speak of the dialectical development of categories, we presuppose that the entire system of Marx’s economic categories represents a single, orderly system that entails the internal unity and consistency of all its parts. In other words, we presuppose a single, orderly system of economic categories that reflects a system of production relations between people even though it is replete with the greatest contradictions. (RUBIN, 2018, p. 732).

**4. A dialética materialista e a crítica da economia política**

Embora Hegel e Marx compartilhem o entendimento de que a dialética é o método cientificamente correto, existem algumas diferenças entre as concepções particulares de cada um a respeito dela que merecem ser ressaltadas. Enquanto para Hegel, segundo sua interpretação convencional, o pensamento cria a realidade, para Marx o pensamento apenas reproduz a realidade já existente. Em outras palavras, para Hegel existe uma precedência do conhecimento ou do sujeito relativamente à existência material ou ao objeto, e para Marx existe uma precedência da existência material ou do objeto relativamente ao conhecimento ou ao sujeito.[[16]](#footnote-16) Nesse sentido, diz-se, usualmente, que a dialética de Hegel é idealista e a de Marx, materialista. Conforme Likitkijsomboon, “*Marx rejects Hegel’s philosophy on the grounds that it postulates an abstract entity called “the Ideia” as the Subject of dialectic whereas the material world is merely the outward expression of it.*” (LIKITKIJSOMBOON, 1992, p. 413). A esse respeito, Marx escreve na *Introdução à crítica da economia política*:

[...] Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que sintetiza-se em si, aprofunda-se em si e movimenta-se a partir de si mesmo, enquanto o método de ascender do abstrato ao concreto é somente o modo do pensamento de apropriar-se do concreto, de reproduzi-lo como um concreto mental. Mas de forma alguma é o processo de gênese do próprio concreto. P. ex., a categoria econômica mais simples, digamos, o valor de troca, supõe a população, população produzindo em relações determinadas; [supõe] também um certo tipo de família – ou comunidade – ou de Estado etc. Não pode jamais existir, exceto como relação abstrata, unilateral, de um todo vivente, concreto, já dado. Como categoria, ao contrário, o valor de troca leva uma vida antediluviana. Por essa razão, para a consciência para a qual o pensamento conceitualizante é o ser humano efetivo, e somente o mundo conceituado enquanto tal é o mundo efetivo – e a consciência filosófica é assim determinada –, o movimento das categorias aparece, por conseguinte, como o ato de produção efetivo – que, infelizmente, recebe apenas um estímulo do exterior –, cujo resultado é o mundo efetivo; e isso – que, no entanto, é uma tautologia – é correto na medida em que a totalidade concreta como totalidade de pensamento, como um concreto de pensamento, é de fato um produto do pensar, do conceituar; mas de forma alguma é um produto do conceito que pensa fora e acima da intuição e da representação, e gera a si próprio, sendo antes produto da elaboração da intuição e da representação em conceitos. O todo como um todo de pensamentos, tal como aparece na cabeça, é um produto da cabeça pensante que se apropria do mundo do único modo que lhe é possível, um modo que é diferente de sua apropriação artística, religiosa e prático-mental. O sujeito real, como antes, continua a existir em sua autonomia fora da cabeça; isso, claro, enquanto a cabeça se comportar apenas de forma especulativa, apenas teoricamente. Por isso, também no método teórico o sujeito, a sociedade, tem de estar continuamente presente como pressuposto da representação. (MARX, G, p. 54-55).

Também a esse respeito, Marx escreve no *Posfácio da segunda edição*:

Meu método dialético, em seus fundamentos, não é apenas diferente do método hegeliano, mas exatamente seu oposto. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de Ideia, chega mesmo a transformar num sujeito autônomo, é o demiurgo do processo efetivo, o qual constitui apenas a manifestação externa do primeiro. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem. (MARX, CI, p. 90).

Para Hegel a exposição possui tanto um caráter lógico-genético como um caráter histórico-genético, e para Marx a exposição possui apenas um caráter lógico-genético. Para Hegel, à medida que as categorias, em sua existência ideal, são introduzidas no processo de derivação, essas mesmas categorias, em sua existência real, aparecem historicamente. Nesse caso, a totalidade é apresentada tanto em sua *articulação lógica* como em seu *processo histórico*, e o desenvolvimento lógico das categorias deve corresponder a seu desenvolvimento histórico, isto é, a ordem em que as categorias aparecem idealmente ao longo da exposição deve corresponder à ordem em que elas aparecem realmente no decorrer da história. Para Marx, ao contrário, todas as categorias, em sua existência real, já devem ter aparecido historicamente antes que se possa relacioná-las, em sua existência ideal, no processo de derivação. Nesse caso, a totalidade é apresentada apenas em sua *articulação lógica*, e o desenvolvimento lógico das categorias não deve corresponder a seu desenvolvimento histórico, isto é, a ordem em que as categorias aparecem idealmente ao longo da exposição não deve corresponder à ordem em que elas apareceram realmente no decorrer da história.

Na cadeia de categorias da dialética, todas as categorias pressupõem umas às outras: as categorias mais abstratas e simples têm as categorias mais concretas e complexas como pressuposto real, e as categorias mais concretas e complexas têm as categorias mais abstratas e simples como pressuposto lógico; no entanto, o caráter temporal dessa pressuposição é diferente entre Hegel e Marx. Para Hegel, cada uma das categorias pressupõe a existência das demais em momentos históricos distintos, de modo que, em sua existência real, as categorias devem suceder cronologicamente umas às outras; e para Marx, cada uma das categorias pressupõe a existência simultânea das demais, de modo que, em sua existência real, todas as categorias devem coexistir temporalmente. A título de ilustração, na *Fenomenologia do espírito*, Hegel utiliza a metáfora da semente e da árvore para representar, respectivamente, o ponto de partida e o ponto de chegada da exposição; e em *O capital*, Marx utiliza a metáfora da célula e do corpo para representar, respectivamente, a mercadoria, o ponto de partida, e o capital, o ponto de chegada da exposição (ver citação na página 10). Note-se que a semente e a árvore, embora pressuponham uma à outra, existem em momentos históricos distintos, e nesse caso a exposição mostra tanto a *articulação lógica* existente entre ambas como o *processo histórico* por meio do qual a primeira transforma-se na segunda; ao passo que a célula e o corpo, além de pressuporem um ao outro, existem simultaneamente, e nesse caso a exposição mostra apenas a *articulação lógica* existente entre ambos.

Nas palavras de Likitkijsomboon,

[...] [Marx] criticises Hegel on the grounds that he mistakenly takes the logical route from abstract-simple to the concrete-complex in thought as the actual process in reality so that the concrete-complex reality appears to be the end-product of the unfolding process of the abstract-simple categories […] (LIKITKIJSOMBOON, 1992, p. 413).

[…] Marx's analysis in *Capital* is purely logical in nature, namely, dealing with the pure form of the capitalist mode of production, in which the historical materials serve as illustrations. ‘Up to the present time, their classic ground is England. That is the reason why England is used as the chief illustration in the development of my theoretical ideas’ (Marx, KI, p. 19). Moreover, for Marx, the sequence of categories is determined by their relative levels of determination within the full form of capitalism, *not* by their historical order. (LIKITKIJSOMBOON, 1992, p. 410).

Nas palavras de Lebowitz,

Marx as well clearly rejected Hegel’s association of the logical order of categories with the historical order, the sequence in which the economic categories were ‘historically decisive’ – a rejection which Lukács called Marx’s ‘methodologically decisive criticism of Hegel’. (LEBOWITZ, 2009, p. 83-83).

Em todo *O capital*, Marx tem por objeto de estudo o modo de produção capitalista já plenamente constituído. Seu interesse não está em relatar o *processo histórico* por meio do qual essa forma de organização social ganhou existência, por meio do qual ela desenvolve-se e por meio do qual ela chegará a seu termo, mas em apresentar a *articulação lógica* existente entre os vários elementos que a compõem, enunciando suas leis próprias de funcionamento e explicando como ela se reproduz. Assim, por exemplo, as sucessões categoriais entre mercadoria, dinheiro e capital e entre *circulação simples de mercadorias* (ou produção de mercadorias, realizada por produtores independentes com a finalidade do consumo) e *circulação do dinheiro como capital* (ou produção capitalista de mercadorias, realizada por meio da relação de produção social entre capitalistas e trabalhadores assalariados com a finalidade da valorização do valor) não dizem respeito à maneira como essas categorias, em sua existência real, evoluíram historicamente, mas à maneira como elas, em sua existência ideal, encontram-se logicamente articuladas no interior da totalidade historicamente determinada sob estudo, conforme seus graus específicos de abstração ou concretude e num momento histórico específico. Não se deve entender, portanto, em *O capital*, que a mercadoria existiu historicamente antes do dinheiro e este antes do capital, nem que a *circulação simples de mercadorias* constituiu uma etapa do desenvolvimento social anterior à *circulação do dinheiro como capital*, como se essas categorias tivessem sucedido cronologicamente umas às outras, mas que elas relacionam-se entre si por meio dessa hierarquia lógica no interior da sociedade capitalista, na qual coexistem temporalmente. Apenas no capítulo 24 do livro I, *A assim chamada acumulação primitiva*, Marx dedica-se ao estudo do processo de constituição do capitalismo; no entanto, a despeito de sua grande relevância para a compreensão e explicação da gênese histórica dessa forma de organização social, esse capítulo encontra-se no fim do livro e não em seu início e é introduzido de maneira acessória à exposição de *O capital*. Enfim, pode-se dizer, em resumo, que em sua exposição do capitalismo em *O capital* Marx percorre uma trajetória lógica e não histórica.

Nas palavras de Belluzzo,

Não se trata de um movimento próprio da dialética hegeliana de “passagem” (superação com conservação) da mercadoria para o dinheiro, do dinheiro para o capital, do capital industrial para o capital a juros e o sistema de crédito. Marx realiza a operação inversa: apresenta a mercadoria, o dinheiro e as relações de trabalho, as forças produtivas e a acumulação e reprodução do capital como **momentos do modo de produção capitalista já constituído em todas as suas formas**. O processo de desvendamento das conexões internas desse modo de produção é, ao mesmo tempo, um desdobramento das *formas* que levam à “universalização da sede de acumulação de riqueza abstrata”. (BELLUZZO, 2012, p. 44, grifo nosso).

Com efeito, para Heinrich,

[…] Marx explicitly states that he is concerned neither with the history of capitalism nor with a specific historical phase of capitalism, but rather with a “theoretical” analysis of capitalism: examined are the essential determinants of capitalism, those elements which must remain the same regardless of all historical variations so that we may speak of “capitalism” as such. What is portrayed is therefore not a (historically or geographically) specific capitalism, but rather, as Marx says at the end of the third volume of *Capital*, “We are only out to present the internal organization of the capitalist mode of production, its ideal average, as it were” (*Capital*, 3:970).

[…] if the analysis is carried out at the level of the “ideal average” of the capitalist mode of production, then it actually provides the categories that must underlie any research into the history of capitalism or a particular phase.

The notion that one must know history in order to understand the present has a certain justification when applied to the history of events, but not for the structural history of a society. Rather, the opposite is the case: to examine the *constitution* of a particular social and economic structure, one has to be already familiar with the *completed* structure. Only then will one know what to look for in history. […]

For this reason, the “historical” passages in *Capital* come *after* the (theoretical) depictions of the corresponding categories and not before: thus the well-known chapter about de “So-called Primitive Accumulation,” which concerns the emergence of the “free” wage laborer as a precondition of the capital relationship, is placed not at the beginning but at the end of the first volume of *Capital*. The historical passages *complement* the theoretical account, but they don’t *constitute* the theoretical account. (HEINRICH, 2012, p. 31-32).[[17]](#footnote-17)

A esse respeito, Marx escreve na *Introdução à crítica da economia política*:

Seria impraticável e falso, portanto, deixar as categorias econômicas sucederem-se umas às outras na sequência em que foram determinantes historicamente. A sua ordem é determinada, ao contrário, pela relação que têm entre si na moderna sociedade burguesa, e que é exatamente o inverso do que aparece como sua ordem natural ou da ordem que corresponde ao desenvolvimento histórico. Não se trata da relação que as relações econômicas assumem historicamente na sucessão de diferentes formas de sociedade. Muito menos de sua ordem “na ideia” ([como em] Proudhon) (uma representação obscura do movimento histórico). Trata-se, ao contrário, de sua estruturação no interior da moderna sociedade burguesa. (MARX, G, p. 60).

Assim, na cadeia de categorias da dialética de *O capital*, a mercadoria, o dinheiro, o capital, a *circulação simples de mercadorias*, a *circulação do dinheiro como capital* e todas as demais categorias pressupõem a existência simultânea umas das outras e coexistem temporalmente. Não obstante, é possível que as categorias, em sua existência real, tenham tido origem em momentos históricos distintos: por um lado, é possível que categorias mais abstratas e simples, que são introduzidas anteriormente no processo de derivação, tenham aparecido antes que as demais no decorrer da história (por exemplo, as categorias de mercadoria e dinheiro); por outro lado, também é possível que categorias mais concretas e complexas, que são introduzidas posteriormente no processo de derivação, tenham aparecido antes que as demais no decorrer da história (por exemplo, a categoria de juros). No entanto, essas categorias apenas passam a existir em sua forma pura e mais desenvolvida ou em sua perfeição depois do aparecimento histórico do capitalismo, a totalidade no interior da qual elas existem simultaneamente. (LIKITKIJSOMBOON, 1992, p. 410-411).

Os atributos da dialética materialista de Marx mencionados acima que a diferenciam da dialética idealista de Hegel – i) a precedência da realidade objetiva relativamente ao pensamento subjetivo, ii) o caráter estritamente lógico-genético da exposição, iii) a não correspondência entre a ordem lógica e a ordem histórica das categorias e iv) a coexistência temporal das categorias – podem ser identificados na seguinte passagem da *Introdução à crítica da economia política*:

Como em geral em toda ciência histórica e social, no curso das categorias econômicas é preciso ter presente que o sujeito, aqui a moderna sociedade burguesa, é dado tanto na realidade como na cabeça, e que, por conseguinte, as categorias expressam formas de ser, determinações de existência, com frequência somente aspectos singulares, dessa sociedade determinada, desse sujeito, e que, por isso, a sociedade, *também do ponto de vista científico*, de modo algum só começa ali onde o discurso é sobre ela *enquanto tal*. É preciso ter isso em mente, porque oferece elemento decisivo para a subdivisão. (MARX, G, p. 59).

Em razão dessas diferenças é que Marx escreve, no *Posfácio da segunda edição*, que em Hegel a dialética encontra-se de cabeça para baixo e que é preciso desvirá-la para que se possam preservar seus elementos racionais e para que se possa desfazer de seus elementos místicos:

A mistificação que a dialética sofre nas mãos de Hegel não impede em absoluto que ele tenha sido o primeiro a expor, de modo amplo e consciente, suas formas gerais de movimento. Nele, ela se encontra de cabeça para baixo. É preciso desvirá-la, a fim de descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico. (MARX, CI, p. 91).

Conforme Lênin,

Se Marx não deixou uma “*Lógica*” (com letra maiúscula), deixou a lógica de *O capital*, e isso deveria ser utilizado profundamente nesta questão. Em *O capital* aplica-se a uma ciência a lógica, a dialética, a teoria do conhecimento <não são necessárias três palavras: é uma coisa só> do materialismo, que tomou tudo o que há de valioso em Hegel e fez esse valioso avançar. (LÊNIN, 2018, p. 327).

Ao mesmo tempo em que estuda o capitalismo como uma totalidade em *O capital*, Marx reconhece que o capitalismo trata-se de uma totalidade menor dentro de uma outra totalidade maior, que é a história das diversas formas de organização social. No decorrer da história, o modo de produção capitalista constitui uma forma de organização social transitória, que teve início e que deverá ter fim em momentos históricos específicos. Assim, a *teoria econômica* de Marx, também conhecida por crítica da economia política, presente em obras de sua maturidade, tais como os *Grundrisse* e *O capital*, e que visa a compreender e explicar as leis próprias de funcionamento do capitalismo, estudando-o como uma totalidade plenamente constituída, encontra-se inserida dentro de sua *teoria da história*, também conhecida por materialismo histórico, presente em obras de sua juventude, tais como *A ideologia alemã* e o *Manifesto comunista*, e que visa a compreender e explicar as leis de transformação de uma forma de organização social em outra, estudando tanto o processo de constituição como o processo de desconstituição do capitalismo. Ambas as teorias constituem momentos de sua *teoria social*, e tanto em uma como em outra Marx emprega o método dialético.[[18]](#footnote-18)

O reconhecimento da transitoriedade do capitalismo ou, em outras palavras, o fato de sua *teoria econômica* ser historicamente determinada ou estar inserida dentro de uma *teoria da história*, constitui uma das principais diferenças de Marx relativamente aos economistas políticos clássicos – Smith, Ricardo, etc. – e, consequentemente, um dos pontos de sua crítica da economia política. Ao contrário dos últimos, que entendem que o capitalismo possui existência universal (em todos os espaços) e trans-histórica (em todos os tempos), Marx entende o capitalismo como uma forma de organização social espacialmente e temporalmente determinada e reconhece que as leis econômicas formuladas em *O capital* apenas podem ser consideradas válidas dentro de um recorte geográfico e histórico específico.[[19]](#footnote-19) (ROSDOLSKY, 1974, p. 65-67).

Nas palavras de Heinrich,

**Although *Capital* is first and foremost a theoretical work (which analyzes a *fully developed* capitalism) and not a historical work (concerned with the *development* of capitalism), the depiction is not ahistorical in the sense that contemporary economics to a large extent is.**[[20]](#footnote-20) Economics assumes there is a general problem of economic activity that exists in every society – production must occur; scarce means have to be distributed, and so forth. This problem, which is assumed to remain constant throughout all historical phases, is then examined using essentially the same categories (thus some economists view the hand axe of the Neanderthal as a sort of capital). Marx, on the other hand, realizes that capitalism is a particular historical mode of production, which is fundamentally different from other modes of production such as ancient slaveholding societies or the feudalism of the Middle Ages. In this respect, every one of these specific modes of production contains specific relationships that have to be described with categories that only retain their validity with regard to these modes of production. **In this sense, the categories that describe the capitalist mode of production are “historical” and in no way transhistorical categories; they are valid only for the historical phase in which capitalism is the dominant mode of production.** (HEINRICH, 2012, p. 32, grifo nosso).

Por não historicizar o capitalismo, a economia política clássica apenas percebe as relações econômicas capitalistas tais como elas são em sua aparência, entendendo-as de maneira *naturalizada* e *reificada*, isto é, como condições naturais e como características próprias das coisas. Por exemplo, ela entende que o homem possui uma propensão natural à troca, que o trabalho assalariado constitui a forma natural do trabalho, que a mercadoria constitui a forma natural dos produtos do trabalho e que o capital constitui a forma natural dos meios de produção. Assim, os produtos do trabalho obtêm valor e são trocados, existindo como mercadoria, e os meios de produção servem à valorização do valor, existindo como capital, em si e por si mesmos, e não no interior de uma forma de organização social particular. “*Through such a naturalization of social relationships, it appears as if things have the properties and autonomy of subjects.*” (HEINRICH, 2012, p. 34). Essa concepção das relações econômicas capitalistas não é exclusiva dos economistas, mas compartilhada pelos próprios agentes econômicos.

Nas palavras de Heinrich,

[…] the *naturalization and reification* of social relationships is in no way the result of a mistake by individual economists, but rather the result of an image of reality that develops independently as a result of the everyday practice of the members of bourgeois society. At the end of the third volume of *Capital*, Marx can therefore establish that people in bourgeois society inhabit “the bewitched, distorted and upside-down world” and that this “religion of everyday life” (*Capital*, 3:969) is not only the basis of everyday consciousness, but also constitutes the background for the categories of political economy. (HEINRICH, 2012, p. 34-35).

Por sua vez, ao historicizar o capitalismo, Marx, além de perceber as relações econômicas capitalistas tais como elas são em sua aparência, também as compreende tais como elas são em sua essência, entendendo-as como condições sócio-históricas e como características atribuídas pelas pessoas às coisas. Por exemplo, ele entende que a troca apenas se generaliza, que o trabalho apenas assume a forma de trabalho assalariado, que os produtos do trabalho apenas assumem a forma de mercadoria e que os meios de produção apenas assumem a forma de capital no interior de uma forma de organização social particular, e não em si e por si mesmos.

Nas palavras de Rubin,

And what was the substance of the harsh critique that Marx directed against bourgeois economics? It consisted of the following: bourgeois economists argued that the basic phenomena of capitalism – profit, wages, interest and rent – necessarily result from the very nature of the production process and cannot be altered as the social form of the economy changes. Marx said to the bourgeois economists: all of these phenomena, which you attribute to the production process as such, are a result of the capitalist form of the production process; all of these phenomena have an historical and transitory character that is connected with the given social system of production relations between people. Consequently – said Marx – when development of the productive forces creates the necessity for demolition of the old system of production relations between people, all economic laws will acquire new form and all economic phenomena will be different. This was the sharpest critical weapon with which Marx struggled against vulgar political economy. This sharp critical weapon was the doctrine that all economic phenomena express the production relations between people. (RUBIN, 2018, p. 737-738).

**Considerações finais**

Este artigo realizou uma apresentação do método dialético e da estrutura da teoria econômica de Marx. Inicialmente, foram apresentadas as duas questões das quais o método dialético dá conta: a compreensão dos fenômenos em sua dupla dimensão essencial e aparente e a demonstração da necessidade das leis que os explicam. Por ser o único método que cumpre esses requisitos, a dialética deve ser considerada o método cientificamente correto. Então, apresentou-se o método dialético como uma unidade entre análise ou investigação e síntese ou exposição e mostrou-se como a estrutura da teoria econômica de Marx tem sua construção orientada pelo mesmo. Por fim, discutiram-se as diferenças entre Marx e Hegel e entre Marx e a Economia Política Clássica, argumentando-se que a teoria econômica de Marx é tanto estritamente lógico-genética como historicamente determinada.

**Referências bibliográficas**

BELLUZZO, L. G. M. *O capital e suas metamorfoses*. São Paulo: Unesp, 2012.

CALIGARIS, G.; STAROSTA, G. Which ‘rational kernel’? Which ‘mystical shell’? A contribution to the debate on the connection between Hegel’s Logic and Marx’s Capital. In: MOSELEY, F.; SMITH, T. (Eds.). *Marx’s Capital and Hegel’s Logic: a reexamination*. Leiden; Boston: Brill, 2014.

CARRERA, J. I. Method: from the Grundrisse to Capital. In: BELLOFIORI, R.; STAROSTA, G.; THOMAS, P. D. (Eds.). *In Marx’s laboratory: critical interpretations of the Grundrisse*. Leiden; Boston: Brill, 2013.

HEINRICH, M. *An introduction to the three volumes of Karl Marx’s Capital*. Nova York: Montlhy Review, 2012.

HEINRICH, M. “Capital” after MEGA: discontinuities, interruptions and new beginnings. *Crisis and Critique*, v. 3, n. 3, p. 92-138, nov. 2016.

HEINRICH, M. Prefácio – O livro II de O capital. In: MARX, K. *O capital: crítica da economia política: livro II: o processo de circulação do capital*. São Paulo: Boitempo, 2014.

JESSOP, B. From the 1857 introduction to the 1867 preface: reflections on Marx’s method in the critique of political economy. *Politeia*, v. 8, n. 16, p. 15-37, 2018.

KAUFMAN, I. I. Karl Marx’s point of view in his political-economic critique: a review of Karl Marx, Capital: a critique of political economy (1872). In: DAY, R. B. e GAIDO, D. F. (Eds.). *Responses to Marx’s Capital: from Rudolf Hilferding to Isaak Illich Rubin*. Leiden; Boston: Brill, 2018.

LEBOWITZ, M. A. *Following Marx: method, critique and crisis*. Leiden; Boston: Brill, 2009.

LÊNIN, V. I. *Cadernos filosóficos: Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2018.

LIKITKIJSOMBOON, P. The Hegelian dialectic and Marx’s Capital. *Cambridge Journal of Economics*, v. 16, n. 4, p. 405-419, dez. 1992.

MARX, K. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: UFRJ, 2011 (citado como G).

MARX, K. *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013 (citado como CI).

MARX, K. *O capital: crítica da economia política: livro II: o processo de circulação do capital*. São Paulo: Boitempo, 2014 (citado como CII).

MARX, K. *O capital: crítica da economia política: livro III: o processo global da produção capitalista*. São Paulo: Boitempo, 2017 (citado como CIIIa).

MOSELEY, F. (Ed.). MARX, K. *Marx’s economic manuscript of 1864-1865*. Leiden; Boston: Brill, 2016 (citado como CIIIb).

MOSELEY. F. Introduction. In: MOSELEY, F. (Ed.). MARX, K. *Marx’s economic manuscript of 1864-1865*. Leiden; Boston: Brill, 2016.

MÜLLER, M. L. Exposição e método dialético em O capital. *Boletim SEAF-MG*, n. 2, p. 17-41, 1982.

OLLMAN, B. *Dance of the dialectic: steps in Marx’s method*. Urbana; Chicago: University of Illinois, 2003.

PALLUDETO, A. W. A. *Os derivativos como capital fictício: uma interpretação marxista*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia. Campinas, 2016.

REDDING, P. Georg Wilhelm Friedrich Hegel. In: ZALTA, E. N. (Ed.). The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer 2018 Edition). Stanford: Stanford University, 2018. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/sum2018/entries/hegel/>. Acesso em: 28 jun. 2019.

ROSDOLSKY, R. Comments on the method of Marx’s Capital and its importance for contemporary Marxist scholarship. *New German Critique*, n. 3, p. 62-72, 1974.

RUBIN, I. I. *Essays on Marx's theory of value*. Nova York: Black Rose Books, 1973.

RUBIN, I. I. The dialectical development of categories in Marx’s economic system (1929). In: DAY, R. B.; GAIDO, D. F. (Eds.). *Responses to Marx’s Capital: from Rudolf Hilferding to Isaak Illich Rubin*. Leiden; Boston: Brill, 2018.

SAAD FILHO, A. A. *O valor de Marx: economia política para o capitalismo contemporâneo*. Campinas: Unicamp, 2011.

ŽIŽEK, S. *Living in the end times*. Nova York: Verso, 2011.

1. \* Aluno do mestrado em Economia do Instituto de Economia da Unicamp. E-mail: vitoralves2607@hotmail.com. [↑](#footnote-ref-1)
2. \*\* Professor do Instituto de Economia da Unicamp. E-mail: alexwap@unicamp.br. [↑](#footnote-ref-2)
3. Conforme Rubin, “[...] the ‘form of value’ is one of the foundation stones of Marx's theory of value.” (RUBIN, 1973, p. 114); mais adiante, Rubin destaca que Marx demonstra que “[...] without the form of value there is no value.” (RUBIN, 1973, p. 121). [↑](#footnote-ref-3)
4. Alguns autores, apesar de darem contribuições teóricas relevantes ao tema, desconsideram o caráter dialético do movimento investigativo e entendem equivocadamente que a dialética resume-se ao movimento expositivo; por exemplo, Müller afirma: “Dialética significa n’**O Capital** primeiramente e, também, predominantemente, o “método/modo de exposição” crítica das categorias da economia política, o método de “desenvolvimento do conceito de capital” a partir do valor, presente na mercadoria, enquanto ela é a categoria elementar da produção capitalista que contém o “germe” das categorias mais complexas. O conceito fundamental, aqui, para o Marx crítico da economia política, é o de “exposição”, “método de exposição”, que designa o modo como o objeto, suficientemente apreendido e analisado, se desdobra em suas articulações próprias e como o pensamento se desenvolve em suas determinações conceituais correspondentes, organizando um discurso metódico.” (MÜLLER, 1982, p. 19-20). Outros autores reconhecem o caráter dialético do movimento investigativo e entendem corretamente que a dialética compreende a unidade dos movimentos investigativo e expositivo; por exemplo, Ollman apresenta a dialética como investigação e exposição (OLLMAN, 2003, cap. 7) e afirma que o método dialético de Marx é mais do que um modo de exposição (OLLMAN, 2003, cap. 11): “[...] Marx could never have written a work like *Capital* I if his own understanding of capitalism, the mode of inquiry used to acquire it, and the way of thinking that underlay his inquiry were not already thoroughly dialectical. But this requires that we expand the notion of dialectics beyond the conceptual logic that Marx used to expound some of his views in *Capital* I.” (OLLMAN, 2003, p. 187); nesse sentido, autores como Carrera (2013, p. 51, 56 e 65) e Caligaris e Starosta (2014, p. 100-103, 105, 107 e 110) empregam as expressões “dialectical investigation”, “dialectical analysis”, “dialectical research”, “dialectical inquiry” e “materialist analysis” para destacar o caráter também dialético do movimeno investigativo. [↑](#footnote-ref-4)
5. Tradução própria de “abstract concept”, expressão empregada por Lebowitz (2009, p. 77). Aqui, conforme se observará adiante, entende-se que as noções da dialética são mais adequadamente expressas pelo termo *categoria* do que pelo termo *conceito*. [↑](#footnote-ref-5)
6. Embora os economistas políticos clássicos, valendo-se das categorias descobertas pelos economistas do século XVII por meio do movimento investigativo, tenham realizado o movimento expositivo, não o fizeram corretamente e não lograram reproduzir idealmente a sociedade capitalista. [↑](#footnote-ref-6)
7. A imagem de um novelo que se desenrola constitui uma boa metáfora para a exposição. Todo o conhecimento, desde as categorias mais abstratas e simples até as mais concretas e complexas, bem como as conexões necessárias entre elas, já se encontra presente desde o início nesse novelo enrolado, pois já existem na realidade e não estão sendo criadas, mas apenas idealmente reproduzidas, pelo pensamento. À medida que o novelo se desenrola, as categorias e suas conexões, que antes estavam ocultas, vão sendo apresentadas. [↑](#footnote-ref-7)
8. Conforme destaca Likitkijsomboon (1992, p. 407), o próprio Hegel não empregou a terminologia *tese-antítese-síntese*, e segundo Redding (2018), essa estrutura triádica não constitui uma fôrma rígida a partir da qual seja possível enquadrar a *Ciência da lógica* em todos os seus momentos. Ainda assim, tomando-a como um instrumento didático, é possível utilizá-la, com a devida cautela e rigor conceitual, para o entendimento básico de sua exposição categorial, bem como, como se observará na próxima seção, a de Marx em *O capital*. [↑](#footnote-ref-8)
9. Marx faz essa afirmação logo após apresentar os movimentos investigativo e expositivo realizados, respectivamente, pelos economistas do século XVII e pelos economistas políticos clássicos e refere-se à unidade de ambos. Alguns autores entendem, ao contrário do que aqui se sugere, que Marx refere-se apenas ao movimento expositivo; por exemplo, Jessop afirma: “The German nonetheless proposed to adopt the ascending approach [síntese ou exposição] in his critique of political economy.” (JESSOP, 2018, p. 22), “While Marx indicated his preference in the Introduction for the second method of inquiry [síntese ou exposição], he did not follow it to the letter in subsequent texts on capital.” (JESSOP, 2018, p. 22). [↑](#footnote-ref-9)
10. Jessop (2018) examina a utilização da metáfora da célula e do corpo por Marx e a influência da biologia celular em sua teoria econômica. [↑](#footnote-ref-10)
11. Mais precisamente, na cadeia de categorias da dialética de *O capital*, a mais abstrata e simples das categorias, que representa o *termo abstrato-simples* e constitui a *tese* inicial, sendo ao mesmo tempo o ponto de partida lógico da síntese ou exposição e o ponto de chegada da análise ou investigação, é a categoria de valor ou, mais precisamente, a forma de valor. Marx inicia *O capital* com o seguinte parágrafo: “A riqueza das sociedades onde reina o modo de produção capitalista aparece como uma “enorme coleção de mercadorias”, e a mercadoria individual como sua forma elementar. Nossa **investigação** começa, por isso, com a **análise** da mercadoria.” (MARX, CI, p. 113, grifo nosso). Portanto, embora no conjunto da obra prevaleça o movimento expositivo, *O capital* inicia-se com o movimento investigativo, isto é, com a análise da mercadoria e a descoberta das determinações mais abstratas e simples subjacentes a ela, o valor e o valor de uso, relativamente às quais ela constitui uma determinação mais concreta e complexa, uma vez que é a unidade de ambas. Assim, a cadeia de categorias da dialética de *O capital* tem por *tese* inicial o valor, por primeira *antítese* o valor de uso e por primeira *síntese* a mercadoria. A fim de complementar a metáfora da célula e do corpo utilizada por Marx, pode-se dizer que se a mercadoria é representada pela célula, o valor e o valor de uso podem ser representados pelos componentes subcelulares (organelas, etc.). Enfim, caso tivesse optado por omitir completamente o movimento investigativo e apresentar apenas o movimento expositivo, Marx poderia ter iniciado *O capital* com a síntese do valor, em vez de com a análise da mercadoria; no entanto, não o fez justamente pois pretendeu partir do elemento concreto do processo de reprodução material mais simples no modo de produção capitalista. Conforme Caligaris e Starosta, “Since it is in the synthetic phase only that the unfolding of the real movement or life of the subject-matter and hence the explanation actually takes place, the presentation of the findings of the dialectical inquiry could take, in principle, a fully synthetic form (Iñigo Carrera 1992, p. 41). However, this is not the way Marx structured his dialectical exposition in Volume I of *Capital* in general and in Chapter I in particular; this exposition tends to include, in a ‘stylised’ form, brief presentations of the analytic process (Iñigo Carrera 1992, p. 46). In a context where Marx was presenting his materialist-dialectical method for the first time, his decision to include the analytical phase in the exposition might have played the rôle of bringing out its specificity *vis-à-vis* Hegel’s idealist procedure.” (CALIGARIS e STAROSTA, 2014, p. 100), “Among all the places where Marx expounds this kind of materialist ideal reproduction, it is also probably in the first chapter of *Capital* where it can be found with utmost clarity and in a more ‘stylised’ form. Specifically, this reproduction only starts in section III of Chapter I, entitled ‘The value-form, or exchange-value’. As argued elsewhere, strictly speaking the first two sections of that chapter are not part of the *synthetic* movement of the dialectical exposition but constitute its *analytical* prelude.” (CALIGARIS e STAROSTA, 2014, p. 107). [↑](#footnote-ref-11)
12. Os três livros de *O capital* foram escritos por Marx em momentos distintos. Apenas o livro I foi publicado em sua vida (1867) e revisado pelo autor. Os livros II e III, que foram publicados postumamente mediante edição de Engels (1885 e 1894, respectivamente), existiam na forma de manuscritos, encontravam-se em diferentes níveis de acabamento e estavam sujeitos a reavaliações quando de sua morte (1883) (HEINRICH, 2014; 2016). Ainda que se considere, conforme Heinrich (2016), que seja um equívoco tomar *O capital* como uma unidade, pois os três livros apresentam desenvolvimentos não uniformes, uma vez que compostos por manuscritos escritos em momentos distintos da reflexão do autor – em particular os manuscritos que se converteram nos livros II e III, que se apresentam ainda em estágio de pesquisa –, entende-se aqui que é possível considerá-lo como expressão de um processo sistemático de investigação e síntese dialéticas, que confere à obra uma direção geral no sentido da reprodução do modo de produção capitalista. [↑](#footnote-ref-12)
13. Tradução própria de *Forms [Gestaltungen] of the process as a whole*, que é o subtítulo original presente no manuscrito de Marx do livro III (MARX, CIIIb). Engels, em sua edição do livro III (MARX, CIIIa), modificou-o para *O processo global da produção capitalista*. Moseley (2016, p. 4-6) examina a mudança de significado entre um subtítulo e outro, considerando a modificação de Engels enganosa: “Unfortunately, Engels deleted *Gestaltungen* from the title, and changed the title to *Gesammtprozess der kapitalistischen Produktion* [*The Process of Capitalist Production as a Whole*]. This title misses the main point of Marx’s manuscript (which Engels maybe did not fully understand, as discussed above). Book III is indeed about capitalist production as a whole, in the sense of the unity of the process of production (Book I) and the process of circulation (Book II). But more precisely, Book III is about the *particular forms of appearance of capital and surplus-value* (profit, average profit, etc.) that develop out of the processes as a whole already theorised.” (MOSELEY, 2016, p. 5). [↑](#footnote-ref-13)
14. Na verdade, dado o caráter inacabado da obra, Marx não chegou a completar essa tarefa. [↑](#footnote-ref-14)
15. Em discordância de Rosdolsky, Heinrich (2014, p. 18; 2016, p. 100-110) afirma que Marx substituiu a distinção entre “capital em geral” e “concorrência”, empregada nos *Grundrisse*, pela distinção entre “capital individual” e “capital social total”, empregada em *O capital*. [↑](#footnote-ref-15)
16. Aqui, o termo sujeito designa o ser pensante, e o termo objeto designa a coisa pensada. O termo sujeito, no entanto, também possui um outro significado, o de entidade que subordina todas as demais, comanda todos os processos e impõe sua própria lógica. Na dialética idealista de Hegel, a ideia representa tanto o sujeito como ser pensante como o sujeito como entidade subordinadora, comandante e impositiva; e na dialética materialista de Marx, o capital representa tanto o objeto como coisa pensada como o sujeito como entidade subordinadora, comandante e impositiva. [↑](#footnote-ref-16)
17. Alguns autores, apesar de darem contribuições teóricas relevantes ao tema, por diversas vezes parecem sugerir uma interpretação historicista da exposição de *O capital*, contrária, portanto, à defendida aqui; por exemplo, Rubin afirma: “Thus the production relations of a capitalist economy and its corresponding economic categories constitute a single, determinate system of interconnected parts, in which **one form arises historically from another form** and operates on the basis of that other form.” (RUBIN, 2018, p. 743, grifo nosso), “We know how this social form of capital emerged. We know that **a simple commodity economy previously existed**, although it was not yet adequately developed, and that it represented a unity of productive forces and their social forms. In particular, there existed in the simple commodity economy, although not yet adequately developed, the social form of value. We know that, precisely due to pressure from development of material productive forces, **the production relations between simple commodity producers grew over into production relations of the capitalist type**. We know that this growing over was not merely quantitative but was also qualitative; **it was an entire historical upheaval, a leap**. Bessonov accuses me of making no allowance for a leap between different social formations. I wrote explicitly in my Essays (p. 102) that ‘An enormous historical revolution (described by Marx in the chapter on primitive capitalist accumulation) was necessary for the transformation of money into capital’.” (RUBIN, 2018, p. 744, grifo nosso). Na última citação, Rubin parece confundir equivocadamente a passagem lógica da *circulação simples de mercadorias* para a *circulação do dinheiro como capital* (ou a transformação do dinheiro em capital), que ocorre entre as seções I e II do livro I, com a história da constituição do capitalismo, isto é, a passagem histórica do feudalismo para o capitalismo (ou a acumulação primitiva), que é descrita no capítulo 24 do livro I. [↑](#footnote-ref-17)
18. Na *teoria da história* de Marx, cada forma de organização social particular é determinada por suas classes sociais particulares e por seu modo de produção particular; as classes sociais particulares são determinadas de acordo com as funções que exercem na relação de produção social própria de cada modo de produção particular; cada forma de organização social particular constitui uma unidade de opostos, resultando da existência conjunta de suas classes sociais particulares, que guardam uma relação contraditória entre si; e o processo de transformação social, correspondente à substituição de um modo de produção particular por outro, resulta da luta de classes. Os atributos da dialética materialista de Marx mencionados acima (ver página 22) são válidos para o emprego que Marx faz da dialética na elaboração de sua *teoria econômica*, mas não para seu emprego em sua *teoria da história*. Nesta, o objeto de estudo é o próprio processo histórico, de modo que, mantido o primeiro atributo da precedência da realidade objetiva relativamente ao pensamento subjetivo, os outros três atributos devem ser invertidos: a exposição possui tanto um caráter lógico-genético como um caráter histórico-genético, há uma correspondência entre a ordem lógica e a ordem histórica das categorias, e as categorias não coexistem temporalmente. [↑](#footnote-ref-18)
19. Para evitar confusão, convém distinguir entre dois significados do adjetivo “histórico”. Por um lado, a exposição de Marx em sua *teoria econômica* é histórica no sentido de que se restringe a um momento histórico específico e reproduz a totalidade sob estudo tal como ela existe nesse momento. Por outro lado, a exposição de Hegel, bem como a de Marx em sua *teoria da história*, é histórica no sentido de que abrange os vários momentos do processo histórico e produz (no caso de Hegel) ou reproduz (no caso de Marx) as transformações da totalidade sob estudo ao longo desses vários momentos. [↑](#footnote-ref-19)
20. O caráter a-histórico atribuído por Heinrich à economia contemporânea foi igualmente atribuído por Marx à economia política clássica. [↑](#footnote-ref-20)